

# EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O CONTEUDISTA: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA

TCB3034

02/2006

**Bernadete M. P. Cordeiro<sup>1</sup>**

Universidade Católica de Brasília – Centro Católica Virtual – Campus Universitário I, BI M sl.  
105 – QS 07 lote 01 – EPTC – Brasília – DF – Tel: 61 3356 9361

[bernadet@ucb.com](mailto:bernadet@ucb.com)

**Cynthia Rosa<sup>2</sup>**

Universidade Católica de Brasília – Centro Católica Virtual – Campus Universitário I, BI M sl.  
105 – QS 07 lote 01 – EPTC – Brasília – DF – Tel: 61 3356 9361

[cynthia@ucb.br](mailto:cynthia@ucb.br)

**Marilene de Freitas<sup>3</sup>**

Universidade Católica de Brasília – Centro Católica Virtual – Campus Universitário I, BI M sl.  
105 – QS 07 lote 01 – EPTC – Brasília – DF – Tel: 61 3356 9361

[mfreitas@ucb.br](mailto:mfreitas@ucb.br)

Categoria: Conteúdos e habilidades

Setor Educacional: Educação Universitária

Natureza do Trabalho: Modelos de Planejamento

## **Resumo**

*Este trabalho aborda a relação conteudista e EAD na elaboração de conteúdos para cursos na internet. Propõe que o diálogo seja a base dessa relação.*

*Palavras-chave: Educação a Distância – Produção de Conteúdos – Conteudista – Relação Dialógica – Competências*

---

<sup>1</sup> Bernadete M. P. Cordeiro – Mestre em Educação pela UNB. Professora da Universidade Católica de Brasília. Coordenadora da Equipe de Produção de Material Didático do Centro Católica Virtual

<sup>2</sup> Cynthia Rosa - Bacharel em Comunicação; professora da Universidade Católica de Brasília, exerce docência nas modalidades presencial e a distância; editora de materiais didáticos no Centro Católica Virtual; especializanda em Educação a Distância; áreas de interesse: educomunicação; comunicação digital; tecnologias educacionais; ensino.

<sup>3</sup> Marilene de Freitas – Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, licenciada em Língua Portuguesa, especializanda em Educação a Distância e editora de materiais didáticos do Centro Católica Virtual da Universidade Católica de Brasília.

# EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O CONTEUDISTA: UMA RELAÇÃO DIALÓGICA

## INTRODUÇÃO

*Um texto cientificamente correto pode não ser um bom texto para o ensino a distância; igual a um determinado professor que, "sabendo muito", transmite mal a seus alunos os conteúdos por empregar uma didática pouco adequada. [1]*

Com o surgimento das tecnologias da comunicação e informação ampliaram-se os modelos, as possibilidades, a aplicação e, por que não dizer, também os desafios da EAD. O que antes estava restrito aos meios impressos e aos recursos eletrônicos ganhou adjetivos que a tornam hiper, multi, inter, mega, meta... A era da internet, sem dúvida, é responsável por esse novo salto na educação a distância. Mas apesar de todas estas mudanças continuam a existir elementos comuns entre os vários modelos e possibilidades de EAD: o ensino e a aprendizagem.

Esses dois processos são elementos imprescindíveis não só na modalidade a distância, porém em qualquer modalidade educacional, pois lidam diretamente com o conhecimento, pilar do desenvolvimento e do aperfeiçoamentos dos seres humanos. Distintos, mas interdependentes, os processos de ensino e de aprendizagem compõem a malha que sustentará todos os outros elementos, dentre eles: conteúdo, hipertextos, imagens, animações, interação, avaliação etc. Isto porque, a despeito de seus variados modelos e de suas diversificadas possibilidades, a educação a distância é, antes de tudo, EDUCAÇÃO. E esses dois elementos existem para que o conhecimento possa ser construído de forma significativa.

Não podemos dizer que um desses elementos cumpra o papel de peça chave, isto é, que um seja mais importante que o outro, pois quem trabalha na área de EAD sabe que a congruência do conjunto faz uma enorme diferença, sobretudo quando o que se almeja é educar com qualidade, objetivando o desenvolvimento integral do aluno.

Entretanto, há um outro elemento entre eles que serve de cimento cola, o que dá a liga e revela o foco de conhecimento: é o conteúdo, ou seja, o conjunto de saberes historicamente sistematizados e de informações contextualizadas que, estruturados organizadamente, torna-se algo sobre o qual alunos e professores irão se debruçar, seja para construir conhecimentos, fazer transferências de aprendizado, gerar atualização, seja para orientar, mediar ou facilitar o aprendizado ao outro. Ou ainda e num sentido convergente: gerar diálogos que criem condições ilimitadas de possibilidades educacionais.

Surgem, aqui, algumas questões que são o cerne do debate que acreditamos poder levantar com este texto: se o conteúdo, como foi afirmado, é tão importante, quais devem ser as características de tal conteúdo numa solução de EAD via internet? Como é concebido tal conteúdo? Qualquer texto serve? É suficiente pegar um texto e disponibilizar em ambientes virtuais de aprendizagem ou o processo é um pouco mais complexo?

E mais: o conteúdo elaborado pelo autor - também chamado conteudista - é tudo de que se precisa para montar um curso a distância? O conteúdo que ele - conteudista - apresenta pode sofrer alterações? Que tipo de alterações e em que circunstâncias? Afinal, quem é esse conteudista? Seus títulos e prática de ensino são sinônimos de capacidade para tal empreitada? É possível um bom especialista e bom professor não ser um bom conteudista? E em que situações é possível formar tal profissional para o, senão novo, mas renovado nicho de trabalho?

As respostas, sabemos, não são fáceis, nem óbvias, muito menos conclusivas. Antes o contrário: a construção de conteúdos para cursos via internet é um processo ainda mais complexo que o padrão geral de produção de material didático para a EAD. Vejamos porque, tentando definir algumas idéias fundadoras do mundo virtual e, por extensão, da internet, como por exemplo a idéia do hipertexto.

## 1. A EAD E O HIPERTEXTO

O mundo virtual tem suas especificidades, a começar por deslocar as clássicas dimensões tempo-espaço. Na internet, podem existir interações síncronas e assíncronas entre os sujeitos do processo; pode haver interações autônomas entre o aprendiz e a máquina e os programas; a linguagem é polifônica, maleável, hipertextual; a interação é privilegiada. Sobre o conceito mais fundamental de hipertexto, o de redes de associação, discorre Lévy [2]:

A metáfora do hipertexto dá conta da estrutura indefinidamente recursiva do sentido, pois já que ele conecta palavras e frases cujos significados remetem-se uns aos outros, dialogam e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso, um texto já é sempre um hipertexto, uma rede de associações.

A idéia vislumbrada por Vannevar Bush [3] e seus pares em meados do século XX - de um dispositivo de organização do conhecimento por associações de idéias, como faz o cérebro humano - é a chave de uma porta que, efetivamente, transformou a condição humana de estar junto e elaborar o mundo por meio do conhecimento disponível. O conhecimento transborda na internet; a dimensão ciberespacial é comprimida e, por isso, pode acolher tudo que caiba no espaço ligeiro, quase só luz, energia e velocidade de alguns bits ou mesmo de milhares de bits. É o tempo da mente hipertextual.

Construir conhecimento por meio de uma rede de associação de idéias e de referências, eis o hipertexto. Eis também um desafio a ser testado e

implementado para quem almeja construir soluções educacionais para EAD via internet, seja o conteudista ou qualquer outro dos muitos e diversificados profissionais envolvidos na produção dos materiais didáticos.

A rigor, desde o nível dos gestores, a condição essencialmente hipertextual da internet deve ser sempre o pressuposto para que se pensem e proponham soluções. Como fazer *chats* com alunos nos quatro cantos do mundo? O professor a distância terá que atender seus alunos fora de seu turno de trabalho? O que muda nas relações pedagógicas com o uso de um instrumento hipertextual, no nosso caso a internet? O que muda nas relações trabalhistas em função desses cenários educacionais inéditos?

Essas questões não serão tratadas neste texto, mas foram aqui elencadas para reforçar a idéia da complexidade que envolve pensar e elaborar soluções hipertextuais em EAD. Nossa compreensão é de que o hipertexto, mais do que uma linguagem ou recurso discursivo, é uma condição para a associação de pessoas separadas ou não no tempo e no espaço. E se falamos de pessoas, evidentemente falamos da associação de seus contextos, suas histórias, culturas, idéias, mitos, experimentos, saberes e toda a corte do conhecimento humano. Por esse viés, o hipertexto é também um modo de pensar e de aplicar a inteligência, individual ou coletivamente. Inclusive em prol e benefício da Educação.

Isso posto, retomemos nossa concentração no binômio EAD - conteudistas, começando por pensar em descrição geral do perfil do conteudista.

## **2. O CONTEUDISTA E A EAD VIA INTERNET**

O conteudista é o profissional que possui domínio sobre determinado assunto. Geralmente professor e especialista, mestre ou doutor, com experiência em disciplinas afetas aos objetos de estudo do conteúdo. A este profissional é encomendado um texto que reflita seu saber, mas que também expresse as necessidades do projeto de EAD ao qual está atendendo.

O pressuposto é que o trabalho a ser realizado com o conteudista envolve uma relação dialógica que vai além da dimensão comercial. Não é simplesmente um toma lá dá cá, pois o escambo que se realiza é muito mais amplo porque envolve algumas dificuldades. Sobre esse diálogo e suas possíveis dimensões voltaremos adiante. Por ora, vamos refletir sobre a atuação do conteudista sob a especificidade do modelo de que vamos tratar aqui: a EAD na internet.

Sabemos que a EAD não é algo novo, embora só recentemente os estudos e experiências nessa modalidade tenham ganhado maior vulto e provocado interesse; e isso muito em função das possibilidades do hipertexto. Mas independente do modelo adotado, o fato é que os pressupostos gerais da

educação a distância são pouco conhecidos, imagine então os específicos das soluções via internet.

Uma primeira condição geral é escrever o texto para o outro, o aluno, aquele que não está diante de um professor, mas receberá sua mensagem. Numa perspectiva cognitivista, é preciso conceber o texto como mobilização e articulação do conhecimento; mas também esclarecer e orientar quanto às habilidades e atitudes que o aluno poderá aperfeiçoar ou mesmo adquirir com aquele estudo. Então, podemos dizer que o texto a ser produzido tem que criar condições necessárias para que o aluno aprenda e não apenas arrolar informações (o que, bem o sabemos, não é pouco.).

Daí, ressaltamos a importância do diálogo, da orientação e do acompanhamento a esse profissional. Quando o diálogo e a interação estão presentes na relação do conteudista com a equipe de EAD - não só com a equipe de produção, mas com todos os outros níveis em que circulará - isto tende a refletir positivamente na qualidade do texto como produto final. Ou seja, para que o texto atenda às necessidades suscitadas nos projetos pedagógicos dos cursos e respectivos ementários de disciplinas é preciso que haja uma orientação ao conteudista pautada num bom projeto, o planejamento geral da concepção, do desenvolvimento e da avaliação do curso.

## **2.1. Sobre o texto**

Segundo Cordeiro e Botafogo [4], o texto tem uma função sócio informativa, necessita trazer informações contextualizadas (e atualizadas) que favoreçam o desenvolvimento de atitudes e comportamentos. A comunicação, por sua vez, deve ser criativa, capaz de estabelecer um diálogo com os alunos mediante o próprio texto, símbolos e exercícios, possibilitando o envolvimento e a aprendizagem efetiva.

A produção de materiais didáticos comumente envolve equipes multidisciplinares, tendo por base o suporte profissional de pedagogos e comunicadores. Para soluções em Internet, vão se juntar aos outros dois: web designers, programadores, revisores, ilustradores, além dos coordenadores de curso ou de área, que fazem o elo com as instâncias de gerenciamento e com a de execução do curso. Por isso, o conteudista precisa estar ciente de que seu trabalho não se limita a escrever um texto. Ele precisa saber conceber um hipertexto.

No que tange especificamente à escritura do texto, podemos listar algumas características essenciais. São elas:

- Objetividade - o texto deve possuir e sustentar um foco temático;
- Clareza e coesão – é preciso estar atento à fluência das idéias, evitando frases ou parágrafos obscuros e que não façam sentido

entre si;

- Coerência – o texto deve ter uma seqüência lógica. Planejar o conteúdo antes de começar a escrevê-lo pode ajudar a estruturar as informações, organizando-as. É recomendável fazer um roteiro hierárquico das informações, tomando como ponto de partida: primeiro, os objetivos do curso ou disciplina; e, segundo, a necessidade formativa do aluno.

Se o conteudista não percebe o contexto no qual a disciplina se insere e irá se desenvolver, dificilmente conseguirá garantir qualidade conforme descrito nas características supra citadas. Assim, torna-se interessante ao conteudista contemplar, como dados preliminares para o desenvolvimento do conteúdo, as seguintes condições:

- Conhecer e reconhecer a posição filosófica e pedagógica da entidade para a qual está sendo produzido o texto;
- Conhecer o público-alvo para o qual se dirige o curso e escrever para eles;
- Identificar as etapas dos processos de ensino e de aprendizagem no modelo ao qual está se incorporando;
- Identificar os objetivos a serem alcançados com o curso para o qual está sendo produzido o conteúdo;
- Distinguir e utilizar elementos específicos da linguagem de EAD.

Como bem observa Laaser [5]:

Existe uma coisa chamada talento para escrever. Talento é importante, mas técnicas de redação são igualmente importantes. Esse tipo de habilidade pode ser adquirido com treino... Como elaborador de materiais educacionais, você deve aprender a escrever tendo em vista objetivos. Escrever para gente de verdade, que vive em lugares reais e têm necessidades reais de informação.

Como se vê, e retomando uma das hipóteses anteriormente concebidas, a complexidade de fazer EAD revela-se nessa rede monumental de diferentes sujeitos e processos, todos reunidos em prol de um único e mesmo objetivo. O conteudista, nesse cenário, poderá desfrutar fartamente dos recursos do diálogo. Mas será que numa sociedade auto-intitulada do conhecimento e da informação, falar de diálogo não seria esbarrar na obviedade? Qual a compreensão que temos sobre o que é o diálogo? Seria ele uma competência natural ou naturalizada? Dialogar na EAD: o que é isso? Como fazê-lo?

Vejamos, a seguir, algumas possibilidades de abordagens a essas questões.

## 2.2 Acerca do diálogo

Falávamos, anteriormente, da importância do diálogo na relação do conteudista com sua produção para EAD, colocando-a mesmo como um pressuposto do trabalho. Mas por que tal pressuposto? O que significa dizer que o trabalho de geração de conteúdos para um processo ensino-aprendizagem a distância envolve uma relação dialógica?

Os estudos acerca do diálogo, de certo, não são novidade. Todavia, têm merecido o olhar de alguns notórios pensadores da atualidade, que resgatam o conceito para reflexões e debates. Tal resgate é inspirado por algumas questões do nosso tempo, questões essas que nos dizem respeito: O diálogo entre indivíduos é possível mesmo que intermediado e a distância? É possível dialogar a distância num processo multimeios com fins educacionais? O diálogo em EAD, quando feito via internet, deve privilegiar a linguagem escrita ou pode se manifestar por meio de outras formas de expressão? E afinal, dialogar, o que é?

Segundo Morin [6], dialogar "é quando cada um pode expor sua tese, produzir seus argumentos, quando não se proíbe ao outro fazer o mesmo". Ele nos faz ver, todavia, alguns paradoxos, ao falar de condições e obstáculos ao diálogo:

A primeira condição é o reconhecimento do outro como interlocutor com direitos iguais. O verdadeiro diálogo é quando se reconhece para o outro a mesma dignidade. Não há diálogo possível entre um amo e seu escravo. O diálogo supõe a igualdade. (...) Há obstáculos sempre que algo de sagrado para uns não é sagrado para outros. (...) Mas pode-se reconhecer o que é sagrado no outro e dialogar, ou seja, prosseguir na via do conhecimento do outro.

A partir dessa concepção, uma questão que se instaura é quem é o outro em EAD e como se reportar a ele na criação do conteúdo? Bem, uma primeira idéia de outro que surge é a do aluno, aquele a quem se destinam os conteúdos. E aqui revela-se também um primeiro desafio para o conteudista: conhecer o perfil de seus alunos, saber para quem escreve e escrever de tal forma que os estudantes compreendam.

Dito assim, parece óbvio. Mas uma situação freqüente é o conteudista usar uma linguagem hermética, com os vícios de linguagem típicos e restritos do campo de saber onde se situa. Como já foi dito anteriormente, a maior parte deles são mestres e doutores, habilitados ao tom, ritmo e rigores do discurso científico. Então, demonstram grande dificuldade em escrever "como quem fala". Evidentemente, haverá situações de ensino-aprendizagem em que a formalidade do discurso científico se fará imprescindível. Mas nem sempre ele será eficaz ou mesmo necessário.

Temos aí, então, um desafio para o conteudista, nem sempre fácil de transpor: dominar a linguagem escrita, a ponto de saber dosar variações do coloquial ao científico e dosar a profundidade dos temas. Por exemplo: se o aluno é de primeiro semestre terá, em princípio, menos conhecimento que

aqueles de fim de curso. Sabemos, porém, que o fato de o conteudista ser profundo conhecedor de um assunto e nele altamente titulado não implica ser bom escritor. Alguns conteudistas fazem essa transposição com muita facilidade. Outros, já nem tanto. E há mesmo aqueles que não conseguem e recorrem à contratação de um redator para dar esse formato, quando reconhecem a limitação para a tarefa.

No exemplo aqui oferecido, é evidente que o conceito de diálogo no sentido de pensar o outro se amplia. Um redator já é um outro elemento dessa profícua rede de diálogos em prol da educação. Mas há outros. Geralmente, os conteudistas são os responsáveis por entregar o texto já no formato de linguagem em que serão aplicados no material. Em algumas circunstâncias, porém, a transcrição do texto irá sofrer intervenções radicais na nova linguagem e a participação do conteudista nesse processamento de informação até o formato final pode não ser tão premente.

Um exemplo é a geração de uma vídeo-aula, em que se necessitam conhecimentos profissionais bem específicos para a produção do material didático, como roteiro, fotografia, iluminação, áudio, direção, montagem etc. Também num modelo que privilegie o texto, até mesmo no impresso, menos flexível que a internet, pode ser que a responsabilidade pela redação final fique a cargo da instituição que contrata o conteudista. Por exemplo, se, por qualquer razão, há necessidade de padronização do texto de todas as disciplinas de um mesmo curso.

Enfim, é de fundamental importância que o conteudista saiba que tipo de linguagem está sendo pensada para o curso no qual ele está se inserindo. E na hipótese de saber-se limitado para uma determinada demanda, checar se a instituição fará esse tratamento final no texto ou se ele é quem deve providenciar. Os analistas e editores são outros com quem o fluxo de informação será intenso com o conteudista. A abertura ao diálogo interessado com esses outros sujeitos do processo seguramente potencializam as chances de sucesso na empreitada.

O fato é que, para chegar ao aluno levando o conhecimento que traz consigo, o conteudista fará uma longa jornada. E nessa jornada encontrará outros colaboradores, com os quais também poderá dialogar acerca de fazer educação a distância para aqueles específicos alunos. E nesse diálogo, nesse hipertexto cognitivo, poder se reconhecer e dizer de si com uma certa competência, muito rica e valiosa nos dias atuais e para o tempo educacional que se anuncia: o de elaborador de conteúdos para a Educação, inclusive na modalidade a distância.

## **CONCLUSÃO**

Sabemos que o trabalho do conteudista não teve seu início hoje, com a internet e todos os fenômenos políticos, econômicos, sociais e culturais que a acompanham. O que acreditamos é que os primeiros passos rumo ao seu

ápice estão se dando agora e não por outra razão, senão pela forte demanda da sociedade.

Assim como o avanço tecnológico exige o acompanhamento das novidades para melhorar cada vez mais as ferramentas disponíveis ao aluno, o trabalho do conteudista também deve se pautar por uma atenção acurada e continuada para com sua própria formação e aperfeiçoamento. É lógico que existem aqueles conteudistas que conseguem elaborar um bom texto, que permite possibilidades infinitas de trabalho aos membros da equipe de produção. Mas talvez mesmo esses bons conteudistas o sejam mais por um pendor, um dom, um talento, do que por uma consciência crítica sobre a EAD. O importante é que se abram caminhos para a instauração e ampliação desse debate sobre EAD e conteúdos, EAD e conteudistas.

Por isso é que hoje já não basta ser um professor de sucesso no modelo presencial, não basta ter escrito inúmeros livros técnicos ou científicos, não basta somente dominar o conteúdo. Assim, aqueles que desejam integrar-se ao seu tempo educacional por meio da EAD devem procurar conhecer essa modalidade, sabendo que ali existem competências diferenciadas, que não fazem dela nem melhor nem pior do que a educação dita presencial. Ela é outra coisa, é uma outra dimensão educacional. É que ninguém duvide ou se espante: a EAD é uma realidade que veio para ficar. Está aberto o diálogo.

### Referências Bibliográficas

- [1] Universidad Nacional de Educación a Distancia. Unidades Didácticas y Guías Didácticas en la UNED: orientaciones para su elaboración. Instituto Universitario de Educación a Distancia, 1997. pp.10.
- [2] LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. pp.73. (Coleção Trans).
- [3] BUSH, Vannevar. Como Podemos Pensar. Como podemos pensar. Traduzido por Eduardo O. C. Chaves, com base no texto reimpresso em Steve Lambert e Suzanne Ropiequet, orgs., *CD-ROM: The New Papyrus - The Current and Future State of the Art* (Microsoft Press, Redmond, 1986). In <http://chaves.com.br/>
- [4] CORDEIRO, Bernadete; BOTAFOGO, André (org.). Manual de Elaboração de Materiais de estudo Autônomo para Educação a Distância. Brasília: Academia Nacional de Polícia DPF, 2003.
- [5] LAASER, Wolfran (org). Manual de Criação e Elaboração de Materiais para Educação a Distância. Brasília: CEAD/UnB, 1997. pp. 43.
- [6] MORIN, Edgar. O Diálogo Supõe a Igualdade. In Sob o Céu da Cultura, CASTRO, Gustavo & DRAVET, Florence (org). Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004. pp. 21.